

A Psicanálise e a peste – uma ficção mais real que a realidade



*ratara ratara ratara
atara tatara rana
otara otara katara
otara retara kana
ortura ortura konara
kokona kokona koma
kurbura kurbura kurbura
kurbata kurbata keyna
pesti anti pestantum putara
pest anti pestantum putra*

“Aqui alguns experimentos de linguagem aos quais a linguagem desse livro antigo devia assemelhar-se. Mas que só podem ser lidos se escandidos em um ritmo que o próprio leitor deverá achar para entender e para pensar”. (Antonin Artaud, em uma das Cartas de Rodez, quando esteve internado nessa instituição psiquiátrica em 1945)¹

Do ponto de vista psicanalítico, a vida em sociedade não é, definitivamente, o âmbito da paz plena e do usufruto de uma convivência inteiramente harmoniosa e livre de conflitos. Daí a escolha de Freud (1921/1980, p. 128) da alegoria schopenhaueriana dos porcos-espinhos no frio, para representar as relações entre os seres humanos: longe dos outros... o frio; próximo demais... a espicaçada. Reunidos no coletivo, os seres humanos mostram tanto o melhor quanto o pior de que parecem ser capazes. Não é sem razão que, em “O mal-estar na civilização”, Freud designa as relações humanas em sociedade como a nossa principal fonte de sofrimento. E propõe que isso não seja da ordem da contingência – “uma espécie de acréscimo gratuito –, mas, antes, algo “fatidicamente inevitável” (1930/1980, p. 95).

1 Veja-se WILLER, Cláudio. Antonin Artaud: loucura e lucidez, tradição e modernidade. *Revista de Cultura*, Fortaleza/São Paulo, n. 7, out. 2000.

O elemento de verdade por trás disso tudo, elemento que as pessoas estão tão dispostas a repudiar, é que os homens não são criaturas gentis que desejam ser amadas e que, no máximo, podem defender-se quando atacadas; pelo contrário, são criaturas entre cujos dotes instintivos deve-se levar em conta uma poderosa quota de agressividade. Em resultado disso, o seu próximo é, para eles, não apenas um ajudante potencial ou um objeto sexual, mas também alguém que os tenta a satisfazer sobre ele a sua agressividade, a explorar sua capacidade de trabalho sem compensação, utilizá-lo sexualmente sem o seu consentimento, apoderar-se de suas posses, humilhá-lo, causar-lhe sofrimento, torturá-lo e matá-lo. *Homo homini lupus*.² Quem, em face de toda sua experiência da vida e da História, terá a coragem de discutir essa asserção? (Ibid, p. 133)

Não é necessário “fechar” com as convicções hobbesianas do *Leviatã* (Hobbes, 1651/1983) para se tomar em consideração a máxima de Plauto e se admitir que existe algo de trágico nas relações humanas e no laço social. No texto escrito para esta revista, Ian Parker (2009) brinca, não sem razão, com a homofonia entre *discourse* (“discurso”, no sentido laciano de laço social) e *this curse* (“esta maldição”). Como disse Freud, “a liberdade do indivíduo não constitui um dom da civilização” (ibid., p. 116). E foi apontando na mesma direção que Lacan afirmou que o gozo é interdito ao ser falante; e que aquilo que representa ao mal-estar da civilização “é um mais-de-gozar obtido através da renúncia ao gozo” (1968-1969/2008, p. 40).

É imprescindível que uma revista de reflexões psicanalíticas sobre a sociedade tome certa distância do *establishment* e da moral, dos costumes, dos valores e das ideias tidos como socialmente inquestionáveis. E quando se trata da nossa sociedade capitalista, a ênfase na validade desse preceito deve ser redobrada. Esperamos que A PESTE seja um tanto “ácida”, um pouco irônica e profundamente crítica: seria ingenuidade romântica esperar que fosse até mesmo um pouco subversiva? Desde a sua inauguração, a Psicanálise surgiu questionando os fundamentos da moral sexual de sua época: sujeitos dotados de sexualidade, ciúmes e agressividade contra seus pais e irmãos (Complexo de Édipo), onde se encontravam apenas criancinhas assexuais; e um lado *dark*, sombrio, agressivo, violento e egoísta do ser humano (alimentado por uma pulsão de morte), onde a sociedade quer ver apenas lirismo, bondade, boa vontade e impulso de vida.

Para a Psicanálise, o escamoteamento desse lado sombrio não contribui em nada para se operar transformações desejadas na sociedade. Pelo contrário, “esconder a

2 [“O homem é o lobo do homem.” Citado de Plauto, *Asinaria*, I, IV, 88.]

sujeira debaixo do tapete” é exatamente o que impede a tomada em consideração daquilo com que temos de nos haver. Não foi sem razão que ela atraiu o interesse do movimento surrealista. Existe algo de sabedoria na loucura e não apenas na “normalidade”. Temos algo a aprender também com a dor de existir e não apenas com a alegria e felicidade. O Mal, assim como o Bem, é parte igualmente constituinte do ser humano.

Um blog, que não vem ao caso mencionar, apresenta a seguinte sinopse do filme *A vida é bela*:

“O riso nos salva. Ver o outro lado das coisas, o lado divertido, ajuda a resistir à noite, mesmo que longa, longuíssima.” A frase resume o singelo propósito por trás da história que o cineasta Roberto Benigni, 52, co-autor, diretor e ator de “A vida é bela”, quer contar. A fantástica saga do livreiro Guido Orefice e de como ele conseguiu, por meio da imaginação e da fantasia, transformar os horrores da rotina de um campo de concentração nazista em regras de uma gincana, pelo menos aos olhos do filho de seis anos, conquistou crítica e público com seu espírito leve para falar do que foi o maior drama do século 20: o Holocausto.

Aí está o que, no meu entender, *não é* a visada da Psicanálise: está mais para dissimulação e negação. O Holocausto *não foi* singelo, *não foi* divertido. Assim como também *não são* divertidas as mortes de crianças na Faixa de Gaza, em virtude dos bombardeios israelenses. Fingir o contrário e fazer arreglo com a alienação é posição impossível de justificar a partir da visada da Psicanálise: pelo menos com honestidade de propósito. Se for para falar em filmes, *Cidade de Deus* e *Ensaio sobre a cegueira* oferecem melhores exemplos de obras que não dissimulam ou mistificam os acontecimentos sociais, conforme a sinopse a seguir, extraída de um blog que também não vem ao caso mencionar:

Esse é um filme sensível, dramático, com o toque de Fernando Meirelles, levando o espectador para dentro da história, sentindo repugnância e revolta. Assim que o filme começa e aquela tela excessivamente branca pula na tela, você já começa a ficar perturbado com a fotografia. Cenas desfocadas deixam a sensação desconfortável do que seria não poder enxergar normalmente. Ao decorrer do filme vai se tecendo uma teia de fatos que fazem a trama ficar cada vez mais densa. O melhor é quando o filme se aproxima do final, a ira cada vez maior, e simplesmente a idéia de como filme vai terminar não passa por nossas cabeças. E mais ainda, nos fazendo refletir sobre a questão de olhar com os olhos sem ver realmente, a cegueira simbólica que acomete a sociedade de hoje que não enxerga o que não convém. Há tempos não saía do cinema tão satisfeito e chocado.

Pretendemos algo dessa “pegada” com a publicação de nossa revista. E é óbvia a nossa intenção, ao escolhermos para ela o nome *A Peste*. Conhecemos a narrativa de Lacan do que lhe teria sido relatado pelo próprio Jung, por volta de 1954, sobre a chegada deste e de Freud aos EUA em 1909. Tendo viajado como convidados para proferirem conferências no vigésimo ano de fundação da Clark University, Freud teria dito a Jung, assim que “avistaram o porto de Nova York e a célebre estátua que ilumina o universo – «Eles não sabem que lhes estamos trazendo a peste»”. (LACAN, 1955/1998, p. 404) A Psicanálise não seria, como era esperado pelos colegas norte-americanos, a ciência pura, aética, asséptica e dessexualizada que revelaria um ser humano altruísta, puro e livre de egoísmo, vivendo em uma sociedade harmônica, piedosa e justa.

Sabemos também que Freud não via com grande simpatia os fundamentos da sociedade capitalista norte-americana. Em carta de 11 de março de 1902, a Wilhelm Fliess, ele afirma: “Descobri que nosso Velho Mundo é regido pela Autoridade, como o Novo pelo Dólar” (FREUD, 1902). E em uma entrevista concedida ao jornalista americano George Sylvester Viereck, em 1926, ele demonstra reticências, mesmo em relação à aceitação de suas ideias na cultura dos EUA:

Tenho receio da minha popularidade nos Estados Unidos. O interesse americano pela psicanálise não se aprofunda. A popularização leva à aceitação superficial sem estudo sério. A pessoas apenas repetem as frases que aprendem no teatro ou na imprensa. Pensam compreender algo da psicanálise porque brincam com seu jargão! (...) A América foi o primeiro país a reconhecer-me oficialmente. A Clark University concedeu-me um diploma honorário quando eu ainda era ignorado na Europa. Entretanto, a América fez poucas contribuições originais à psicanálise.³

Alinhamo-nos com Lacan, ao entendermos que algo na Psicanálise vai na direção do avesso disso tudo. Sua vocação é fazer a crítica da hipocrisia da sociedade capitalista moralista e burguesa, que, obviamente, não se restringe ao que acontece nos EUA; mas que aí encontra, indubitavelmente, seu paradigma, seu ideal e o paroxismo de sua

3 Entrevista arquivada na biblioteca da Sociedade Sigmund Freud. Foi concedida ao jornalista americano George Sylvester Viereck, em 1926, e deve ter sido publicada na imprensa americana da época. Acreditava-se que estivesse perdida, quando o Boletim da Sigmund Freud Haus publicou uma versão condensada, em 1976. Na verdade, o texto integral havia sido publicado no volume *Psychoanalysis and the Fut*, número especial do *Journal of Psychology*, de Nova York, em 1957. É esse texto que está aqui reproduzido, em uma tradução de Paulo César Souza. Disponível em: <<http://www.marxists.org/archive/lafargue/index.htm>>. Acesso em: 21 abr. 2009.

realização. Esperamos que sua contribuição seja a antítese do que os conservadores e moralistas esperariam. Suas descrições dessa sociedade devem ser temperadas com ironia, sarcasmo e agressividade crítica. A estética dessa crítica deve ser a da beleza da extravagância, do exotismo e do que choca os ingênuos e mistificadores. Os quadros de Bruegel, Bosch e Bocklin e as gravuras de Goya, ou suas “pinturas negras”, mostram a beleza dessa crítica que arrepia e impressiona.



Goya (1820-1823): *Dos Viejos comendo* (Museo del Prado, Madrid, España)

Se for para fazer sua alegoria, as cores e os tons que melhor a representam talvez devam ser fortes: os tons ocres e escuros, o domínio do marrom e do vermelho do sangue e do amarelo do fogo. Cenas de suplício, dor e sofrimento não lhe seriam inteiramente estranhas. As obras e imagens do Barroco e do Surrealismo também não lhe cairiam mal. No cinema, Pasolini poderia exemplificar o seu ponto de vista. Na literatura, os “poetas malditos”, ou mesmo “O Inferno” de Dante Alighieri. Mas eu tenho uma predileção pela imagem dos trajes que os médicos usavam no século XVII para visitar os lazaretos ou pestíferos, onde as pessoas com peste eram segregadas do resto da população, tentando evitar-se a contaminação dos demais.



É uma imagem enigmática, forte. Um sobretudo que lembra um bruxo ou feiticeiro e evoca algo de artificial e hipócrita: um apêndice de pseudociência, que parasita a própria ciência do capitalismo; e que a Psicanálise deve criticar. Luvas e chapéus, que parecem denunciar uma medicina autoritária e abusiva, que trata as pessoas tomando distância e se afastando delas, ao invés de aproximá-las, escutá-las e conhecê-las melhor (alguma semelhança com o DSM-IV?). Uma máscara em forma de bico de ave, que também visa afastar e evitar que o médico se contamine com seus pacientes (com a humanidade deles, também?). E que parece cômica, patética e ridícula, seja em sua estética, seja em sua eficácia: um arremedo de ciência, como a de Sganarelle, na comédia *Le médecin malgré lui*, de Molière (1666/1971), apresentando-se a Géronte com sua tagarelice sobre Hipócrates e com seu chapéu pontudo de médico farsante. Além do mais, uma pseudociência mentirosa e hipócrita, que a Psicanálise quer denunciar: uma ciência segregadora e policialesca, da qual Foucault se incumbiu de elaborar o dossiê de denúncia. Essa imagem traz também esse ar antigo de alguma coisa anacrônica, conservadora, avessa a transformações e fora de época. E ela me lembra finalmente o receio de Freud de que a própria Psicanálise pudesse sucumbir em consequência de sua “medicalização”:

Os médicos nos Estados Unidos, e ocasionalmente também na Europa, procuram monopolizar para si a psicanálise. Mas seria um perigo para a psicanálise deixá-la exclusivamente nas mãos dos médicos, pois uma formação estritamente médica é, com frequência, um empecilho para o psicanalista. É sempre um empecilho, quando certas concepções científicas tradicionais ficam arraigadas no cérebro estudioso.⁴

A medicalização pseudocientífica do existir e da divisão do ser humano – de seus conflitos, dores, angústias, sofrimentos, vacilações, contradições – é a antítese do que a Psicanálise pretende constituir, em sua articulação “não-toda” com a ciência: uma ciência que não quer excluir o sujeito, em sua busca de destacar-se da religião e da magia, e que não pretende recalcar (*Verdrängung*), denegar (*Verneinung*) nem foracluir

4 Entrevista concedida a George Sylvester Viereck, já citada anteriormente.

(*Verwerfung*) a verdade como causa (LACAN, 1966a/1998, p. 889-890). É exatamente nesse sentido – e apenas nele – que *A PESTE* se qualifica como um periódico científico. Ou seja, no sentido de fazer oposição à “absolutização do mercado do saber”⁵ da ciência do capitalismo, que opôs, opõe e continuará sempre a opor toda a sua resistência à verdade que a Psicanálise veio para instituir como causa. Como disse Lacan, referindo-se a seus “Escritos” (1966 b/1998): “cada um desses escritos representa alguma coisa que tive que deslocar, empurrar, transportar pela ordem da dimensão da resistência” (1968-1969/2008, p. 46). A razão disso é compreensível, já que, em boa parte das vezes, as assim (e incorretamente) chamadas “ciências humanas” do capitalismo desincumbem-se da tarefa de produzir a ideologia que legitima e fundamenta teoricamente a realidade que o capitalismo construiu e que a todos pretende impor como absoluta e única. Já com o real a coisa é diferente.

Portanto, a realidade capitalista não se dá mal com a ciência, pelo menos num certo nível. (...) Em contrapartida, no nível mais próximo, aquele a partir do qual são geradas as revoluções e as formas políticas que ela suscita, não é certo que haja alguma coisa inteiramente resolvida no plano dessa frustração que designamos como sendo o nível de uma verdade. (LACAN, 1968-1969/2008, p. 38)

Elisabeth Roudinesco levanta uma dúvida acerca da frase que Lacan afirmou ter ouvido da boca de Jung: “Eles não sabem que lhes estamos trazendo a peste”. E propõe que Lacan teria inventado “uma ficção mais verdadeira que o real” (ROUDINESCO, 1993/1994, p. 273). Será mesmo? Ou não será que a frase ouvida por Lacan registra, antes, a expressão de *uma ficção mais real que a realidade?*

Raul Albino Pacheco Filho

Referências

- FREUD, Sigmund (1902/1985). Carta a Wilhelm Fliess, 11 de março de 1902. In: MIJOLLA, Alain. *Pensamentos de Freud*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985, p. 76.
- FREUD, Sigmund (1921/1980). Psicologia de grupo e a análise do ego. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. XVIII.

5 Lacan usou esses termos em 1968-1969/1998 (p. 46).

- FREUD, Sigmund (1930/1980). O mal-estar na civilização. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v.XXI.
- HOBBS, Thomas (1651/1983). *Leviatã ou matéria, forma e poder de um Estado eclesiástico e civil*. 3ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- LACAN, Jacques (1955/1998). A coisa freudiana. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- (1966a/1998). A ciência e a verdade. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- (1966/1998). *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- (1968-1969/2008). *O seminário, livro 16: de um Outro ao outro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- MOLIÈRE (1666/1971). *Oeuvres Complètes*. Paris: Gallimard, 1971, v. II.
- PARKER, Ian. *A PESTE: Revista de Psicanálise e Sociedade*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 79-100, jan./jun. 2009.
- ROUDINESCO, Elisabeth (1993/1994). *Jacques Lacan: Esboço de uma vida, história de um pensamento*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- WILLER, Cláudio. Antonin Artaud: loucura e lucidez, tradição e modernidade. *Revista de Cultura*, Fortaleza/São Paulo, n. 7, out. 2000.